

ETNOGRAFIAS MISSIONÁRIAS NO SUL DE ANGOLA: DANÇAS RITUAIS E CELEBRAÇÃO DO BOI SAGRADO NA ESCRITA DO PADRE CARLOS ESTERMANN

Missionary ethnographs in the south of Angola:
Ritual dances and celebration of the holy sacred in the writing of priest Carlos Estermann

Josivaldo Pires de Oliveira*

Resumo: Este artigo trata sobre os ritos e celebrações tradicionais entre os povos pastores do Sul de Angola na escrita etnográfica do padre Carlos Estermann, missionário da Congregação do Espírito Santo, que atuou nesta região entre 1925 e 1976. Explora suas observações acerca das danças rituais no cotidiano dos pastores no âmbito dos ritos de puberdade e celebração do boi sagrado entre os povos Nhaneca-Humbe. Estermann defendia que para o bom desempenho do projeto evangelizador era necessário um profundo conhecimento sobre a cultura dos grupos que se queria evangelizar, desta forma, em sua experiência missionária se dedicou em investigar sobre aspectos da vida cultural destas populações “indígenas”. A análise aqui empreendida sobre suas observações acerca dos Nhaneca-Humbe evidenciou que o padre spiritano, mesmo influenciado pela leitura colonialista e etnocêntrica, reconheceu que os ritos e celebrações associados ao gado bovino era um elemento que definia as principais características culturais destes povos.

Palavras-chave: Experiência missionária; Angola; Boi sagrado.

Abstract: This article deals with the traditional rites and celebrations among the pastoral peoples of the South of Angola in the ethnographic writing of Priest Carlos Estermann, missionary of the Congregation of the Holy Spirit, who worked in this region between 1925 and 1976. He explores his observations on ritual dances in daily life of the shepherds under the puberty rites and celebration of the sacred ox among the Nhaneca-Humbe. Estermann argued that for the good performance of the evangelizing project it was necessary to have a deep knowledge of the culture of the groups that one wanted to evangelize, so in his missionary experience he dedicated himself to investigating aspects of the cultural life of these "indigenous" populations. His analysis of his observations on the Nhaneca-Humbe showed that the Spiritan priest, even influenced by colonialist and ethnocentric reading, recognized that the rites and celebrations associated with cattle were an element that defined the main cultural characteristics of these peoples.

Keywords: Missionary experience; Angola; Sacred Ox.

*Melhor do que qualquer homem da tribo medianamente conhecedor,
um pastor profissional tem a obrigação de saber uma série de cantos
e poematos com que os nossos indígenas louvam e exaltam os bois.*

Padre Carlos Estermann (1896-1976)

* Professor Adjunto de História da África do Colegiado de História da UNEB/Campus XIII - Itaberaba.

A história das missões religiosas no Sul de Angola tem importantes evidências na experiência do padre Carlos Estermann, sacerdote francês que atuou pela Congregação do Espírito Santo durante mais de meio século no distrito de Huíla e adjacências da então província de Angola, possessão do estado colonial português. Paralelo a sua atuação como evangelizador, Estermann se dedicou aos estudos etnológicos dos diferentes grupos étnicos que habitavam a região, produzindo assim uma vasta obra etnográfica revelando aspectos da história e cultura dos povos Nhaneca-Humbe, Herero, Ambós e Bochimanés, os quais constituíam sociedades de estrutura agropastoril. Desta forma, experiências das culturas tradicionais destes grupos são enfatizadas nas descrições etnográficas do padre Carlos Estermann, a exemplo dos costumes, rituais e cerimônias que tinham lugar na vida dos povos pastores desta região. São estes aspectos da vida pastoril destes grupos que interessa a este trabalho, com ênfase nas descrições do referido missionário espiritano acerca dos grupos identificados por ele pelo termo étnico-linguístico Nhaneca-Humbe.

Nascido na França em 1896, o padre Carlos Estermann foi para Angola em 1924 para atuar no projeto evangelizador das missões católicas agenciado pela Congregação do Espírito Santo, onde ficou até seu falecimento em 1976, tendo desempenhado em grande parte deste tempo a função de Superior das Missões na Província da Huila. Como prerrogativa para evangelização dos povos habitantes da região, Estermann estudou as culturas dos diferentes grupos étnicos (grupos estes designados como Nhaneca-Humbe, Ambós e Herero, termos étnico-linguísticos que contemplavam um variado número de etnias bantos e não-bantos), pois ele acreditava na etnografia como uma ciência subsidiária do apostolado, que nenhum missionário deveria ignorar.¹

Estermann não apenas acreditava na importância da etnografia como destacava sua utilidade no exercício missionário dos padres espiritanos, como já tive a oportunidade de abordar em trabalho anterior.² Os estudiosos da Angola colonial, não faltaram por registrar entre o ofício dos missionários religiosos a prática etnográfica, como enfatizado por Carlos Serrano, ao que ele define como “etnografia missionária”:

Os padres católicos, principalmente aqueles da Congregação do Espírito Santo, deixam-nos, sobretudo no sudeste (sudoeste) de

¹ ESTERMANN, Carlos. Contribuição dos missionários do Espírito Santo para a exploração científica do sul de Angola. In: BOLETIM GERAL DAS COLÔNIAS, Porto, Ano XVII, n.º 196, outubro de 1941, p. 13.

² OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. “Ciência e missão no sul de Angola: o Boletim da Agência Geral das Colônias e as etnografias dos padres da Congregação do Espírito Santo”. In: *Cadernos de África Contemporânea*, UNILAB, Vol. 1, n. 1, 2018, p. 43-55.

Angola, o trabalho pioneiro e profundo do Padre Carlos Estermann sobre a etnografia da região. Já no norte de Angola os padres Manoel Vaz e Joaquim Martins nos dão várias etnografias dos povos do Enclave de Cabinda. Temos ainda a constatar algumas gramáticas e dicionários feitos na região Kicongo, Kibundo e Ovibundo, realizados por outros padres da Congregação do Espírito Santo.³

Duas questões importantes na citação de Carlos Serrano merecem destaque: a relevância dos padres espiritanos e o reconhecimento da produção dos missionários como texto etnográfico e neste ínterim, o padre Carlos Estermann é evidenciado como o mais notável etnógrafo colonial do Sul de Angola e um entusiasta dessa prática entre os missionários de sua Congregação, pois o mesmo não faltou por registrar em seus escritos a relevância da atividade etnográfica para o projeto evangelizador, afirmando ser uma “ciência subsidiária do apostolado, que nenhum missionário digno deste nome pode ignorar”.⁴ Estermann acreditava na relevância dos estudos sobre costumes e formas culturais dos grupos a serem evangelizados que dedicou sua vida de missionário em Angola na investigação sobre os povos habitantes do sul desta região. Iniciado estes estudos na segunda metade da década de 1920, não demorou muito para o padre etnólogo da Huila reunir um material etnógrafo significativo para amostra e cumprimento de seus propósitos evangelizadores e “civilizador”, como queria a compreensão colonialista. Neste material, o missionário espiritano não deixou de registrar sobre as celebrações com danças e batuques nos currais e no cortejo do boi sagrado, entre os Nhaneca-Humbe.

NHANECA-HUMBE, OS POVOS PASTORES

A designação Nhaneca-Humbe, pode ser considerada uma elaboração colonialista de classificação etnicolinguística para um variado grupo habitante do Sul de Angola. Não me deterei em problematizar tal complexidade classificatória, adotando assim esta nomenclatura pelo fato de ser ela adotada pela fonte principal deste trabalho, a saber: o texto etnográfico do padre Carlos Estermann. Entretanto, uma boa reflexão no sentido de debater a problemática dessa definição pode ser acompanhada pelo excelente artigo da antropóloga angolana Rosa Melo, a qual discute a questão da identidade Handa no bojo do termo etnolinguístico

³ SERRANO, Carlos. “Angola: o discurso do colonialismo e a Antropologia aplicada”. In: *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, USP, São Paulo, Vol. 14-15, nº 1, 1991-1992, p. 32-33.

⁴ OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. “Ciência e missionação no sul de Angola: o Boletim da Agência Geral das Colônias e as etnografias dos padres da Congregação do Espírito Santo”. In: *Cadernos de África Contemporânea*, UNILAB, Vol. 1, n. 1, 2018, p. 52.

Nhaneca-Humbe.⁵ Este por sua vez reúne em seu designativo um conjunto formado por dez grupos étnicos, a saber: Nhaneca (Muila e Gambos), Humbes, Dongoena, Hinga, Cuânca, Handa da Mupa, Handa do Quipungo, Quipungo, Quilengues-Humbes e Quilengues-Muso. Estermann, no entanto, lamenta não encontrar um termo único para designar este enorme e diversificado grupo, como no caso de seus vizinhos, os Ambós.⁶ Desta forma, Esterman atribui a origem destes povos ao povo Bangala que vive ao sul do Cunene, para não se confundir com os Bangala do Norte, conhecidos pela saga dos famosos jagas de Cassanje. A saber, os grupos que constituem o povo Nhaneca-Humbe ocupam, segundo este etnógrafo, a terra planáltica do Sul de Angola.⁷

Como se tratava de sociedades que praticavam a pastorícia, como ainda hoje o pratica, não escapou às descrições do padre Estermann, a dimensão cultural da vida pastoril destas populações: música, arte, religião, etc. Para estas sociedades o gado bovino era um elemento essencial da vida social, relacionado com os elementos de natureza econômica, política, religiosa e de costume.

Os registros produzidos pelo padre não deixaram escapar estes elementos de caracterização desses grupos que habitavam o sul de Angola, mais precisamente a região sudoeste. Algumas dessas práticas que enfatizavam o valor ritual do gado bovino atraíram sua atenção resultando em importantes registros nos seus relevantes ensaios etnográficos, publicados em diferentes momentos de sua atuação missionária. Desta forma, pode-se afirmar que o padre Carlos Estermann foi um missionário espiritual que se dedicou à etnografia de povos e culturas pastorícias do Sul de Angola.⁸

O grupo etnolinguístico denominado Nhaneca-Humbe, aqui analisado, habitava em sua grande maioria no Planalto da Huila, ficando distribuído mais a Sudoeste de Angola, região de pouca penetração europeia até meados do século XX, ficando essas populações

⁵ MELO, Rosa. “Nyaneka-Nkhumbi”: uma carapuça que não serve aos Handa, nem aos Nyaneka, nem aos Nkhumbi. In: *Cadernos de Estudos Africanos* [on line], 7/08/2005.

⁶ Sobre este povo, ver ESTERMANN, Carlos. *Etnografia do Sudoeste de Angola – Vol. 3: Os povos Ambos e os grupos não bantos*. Lisboa: Ministério do Ultramar, 1961.

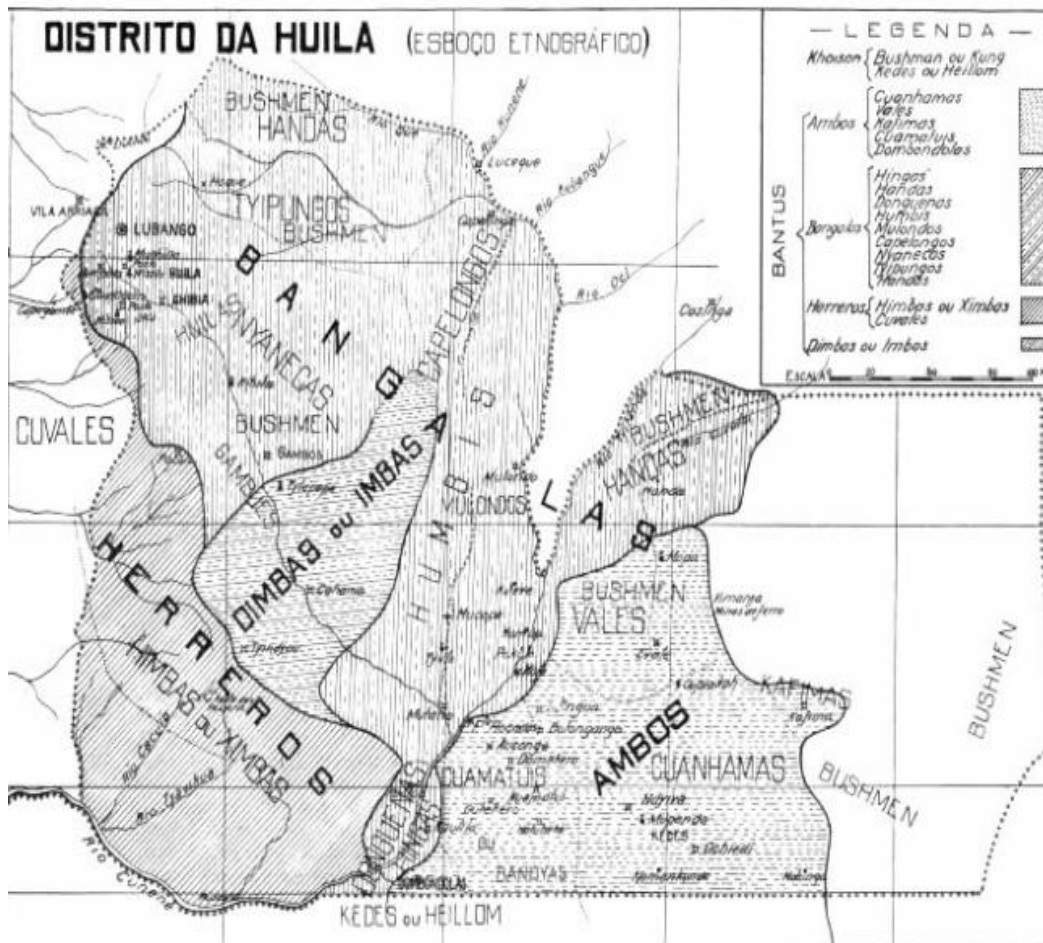
⁷ ESTERMANN, Carlos. *Etnografia do Sudoeste de Angola – Vol. 2: Grupo Étnico Nhaneca-Humbe*. Lisboa: Ministério do Ultramar, 1957, p. 15.

⁸ De origem francesa, a Congregação do Espírito Santo, fundou comunidades missionárias em Angola, em 1866. Tal empreendimento evangelizador só foi possível após a Conferência de Berlim (1884-1885), na qual algumas definições de regras no tocante à religião beneficiaram os missionários, em especial das Missões do Espírito Santo. Nesta Conferência foi decidida que fosse possibilitado aos missionários de qualquer confissão religiosa, a entrada nas Colônias Africanas. A partir de então Missões de diferentes tendências religiosas se instalaram em Angola, mas as Missões do Espírito Santo predominou no Sul de Angola, as quais contaram com o trabalho do padre Carlos Estermann, a partir de 1924. Sobre este assunto de forma mais pormenorizada, ver: DULLEY, Iracema. *Deus é feiticeiro: prática e disputa nas missões católicas em Angola colonial*. São Paulo: Annablume, 2010.

estrangeiras principalmente na vila de Quilengue e outras que atuavam com plantação de tabaco.⁹ As comunidades rurais africanas eram de ocupação exclusiva dos Nhaneca-Humbe, os quais viviam na condição jurídica colonial de indígena.¹⁰

FIGURA 1

MAPA ESBOÇO ETNOGRÁFICO DA PROVÍNCIA DA HUÍLA



FONTE: ESTERMANN, Carlos. “Notas etnográficas sobre os povos indígenas do distrito da Huíla”. In: BOLETIM GERAL DAS COLÓNIAS, Lisboa, Ano 11, nº 116, 1935.

Por mais que as sociedades constituídas pelos Nhaneca-Humbe fossem caracterizadas, do ponto de vista econômico, como agropastoris, este grupo em especial, tem como base de seu sistema “uma pastorícia condicionada por solos e um clima que proporcionam uma

⁹ SILVA, Elisete Marques da. *Impactos da ocupação colonial nas sociedades rurais do Sul de Angola*. Lisboa: Centro de Estudos Africanos, 2013, p. 5.

¹⁰ Por mais que o termo “indígena” já fosse de uso regular na linguagem colonial, o mesmo foi regulamentado juridicamente no Estatuto Político, Civil e Criminal dos Indígenas de Angola e Moçambique, instituído pelo decreto nº 16473, de 06 de fevereiro de 1929. Nele consta que “Consideram-se indígenas os indivíduos de raça negra ou seus descendentes que, pela sua ilustração e costume, se não distingam do comum daquela raça”. Uma análise minuciosa sobre essa legislação e suas implicações raciais em Angola, ver: VERA CRUZ, Elizabeth. *O Estatuto do Indigenato – Angola: a legalização da discriminação na colonização portuguesa*. Luanda: Edições Chá de Caxinde, 2005.

vegetação pouco densa que não permite uma utilização intensiva dos pastos”.¹¹ Acrescente-se ainda a estas características a escassez de água o que provocava a estes povos pastores desenvolverem um sistema baseado no deslocamento regular do gado bovino para um aproveitamento racional dos pastos e da água preservando assim os recursos naturais existentes e necessários para a manutenção de suas reses.

Em um artigo de conteúdo um tanto quanto sumário, mas bastante relevante sobre a pastorícia em África, Victor d’Albuquerque Matos, atribui ao Sahara a origem da atividade pastoril do Sul de Angola. Este autor afirma que por razões de dificuldades naturais como extinção de pastagens e alterações climáticas, as populações pastoras daquela região africana se deslocaram com suas manadas para outras regiões do próprio Sahara, mas também para além deste ao longo de centenas de anos, chegando a alcançar a África Centro-Occidental e, por conseguinte, Angola.

O Sahara vai-se esvaziando de gado ao longo de dois milênios, pelo menos, pelas sucessivas vagas de emigração de povos pastores. Às primeiras, que se dirigiam ao Sul de Angola, seguem-se outras da mesma origem, com bois de cornos longos, que depois de atravessarem o Zambeze, inflectem para Sul, fixando-se nos territórios hoje designados por Barotse e Botswana, vizinhos do rio Cubango, onde existiam, pelo menos até 1960, bois de cornos longos e sem bossa.¹²

A existência de comunidades pastoras é notada em toda região do sul de Angola e os registros sobre o tipo de gado bovino, para o período em questão, de fato revela a existência quase que notória dos bois de longos chifres, ou longos cornos como quer a vernácula portuguesa.

FIGURA 2

GADO BOVINO DO SUL DE ANGOLA



Fonte: MATOS, Victor M. d’Albuquerque. Ocupação pecuária de Angola. In: *Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias*, Lisboa, n. 100 (555-556), 2005, p. 118.

¹¹ SILVA, Elisete Marques da. *Impactos da ocupação colonial nas sociedades rurais do Sul de Angola*, p. 13.

¹² MATOS, Victor M. d’Albuquerque. Ocupação pecuária de Angola. In: *Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias*, Lisboa, n. 100 (555-556), 2005, p. 117.

Assim, o gado bovino vai ocupando espaço na vida destas populações que extrapola a atividade pecuária, e é incorporada a vida cultural, influenciando hábitos, costumes e elementos de natureza religiosa, como se pode observar nos ritos e cerimônias tradicionais dos grupos étnicos constantes da escrita etnográfica do padre Carlos Estermann. Aqui, me deterei aos povos que atendem pela classificação étnica de Nhaneca-Humbe.

AS PRÁTICAS SAGRADAS DO GADO BOVINO NA ESCRITA DE ESTERMAN

A relação do gado bovino com as práticas culturais e cerimônias sagradas dos Nhaneca-Humbe são referidas em diferentes momentos da obra de Carlos Esterman. No entanto, me deterei a suas descrições constantes no volume 2 de sua trilogia etnográfica intitulada: *Etnografia do Sudoeste de Angola* (1957), volume este que trata especificamente sobre os Nhaneca-Humbe.

Estruturada em sete capítulos, distribuídos ao longo das mais de 300 páginas, nas referências às tradições pastoris relacionadas aos ritos e cerimônias envolvendo representações ligadas ao gado bovino, Estermann oferece maior detalhe quando descreve os ritos de puberdade dos indígenas angolanos e o cotidiano da criação de gado, especificamente no que concerne às manifestações festivas, a exemplo do famoso cortejo do boi sagrado, prática esta pouco observada pela etnografia colonial, antes do padre Carlos Estermann, mas rapidamente pontuada por outros observadores.

Esta região de Angola já havia sido visitada por outro padre espiritano antes de Estermann. Trata-se do padre Aphonso Lang, que atuou nas Missões da Huíla entre 1890 e 1942 e também desenvolveu importantes trabalhos de investigação. Foi responsável pela elaboração de uma gramática da língua Nyaneca, mas se notabilizou entre seus pares missionários com seu estudo etnográfico sobre o povo falante dessa língua e habitantes da província da Huíla. Intitulado *La tribu des Va-Nhyaneka*, este trabalho começou ser realizado pelo padre Lang em 1912, mas só conseguiu sua publicação em 1937, com o apoio do padre Constantine Tastevin, também missionário da Congregação do Espírito Santo. Este trabalho constitui uma das primeiras referências sobre os ritos do gado sagrado no Sul de Angola.¹³ Outra referência, que informou Estermmman sobre esta prática foi o trabalho de Antônio Francisco Nogueira, intitulado: *A Raça negra sob o ponto de vista da civilização na África*, publicado em Lisboa, 1880.

¹³ LANG, Aphonso, TASTEVIN, Constantine. *Ethographie - la Tribu des Va-Nyaneka* (tomo V da coleção dos trabalhos da Missão Rohan-Chabot a Angola e à Rodésia em 1912-1914). Paris: Corbeil, 1938.

Carlos Estermann evidencia em suas descrições sobre estes povos pastores do sul de Angola, uma “inclinação nata” em viver em contato com os bois. É refletindo em torno destes vínculos com a realidade pastoril por parte destes grupos que Estermann começou tratar da criação de gado no cotidiano dos Nhaneca-Humbe. Desta forma, o missionário reconhece que não se pode falar da vida pastoril desse povo sem que tenha de mencionar a existência do gado sagrado e, por conseguinte, no âmbito da relação dos “indígenas” com o gado sagrado, a sacralização do gado bovino em outras manifestações da vida social, a exemplo das práticas de circuncisão ou cerimônias da puberdade.

A cerimônia da puberdade consiste nos ritos de passagem da adolescência para vida adulta dos rapazes e raparigas “indígenas”. Durante a cerimônia existem determinados momentos que implicam necessariamente práticas de rituais simbólicos com o gado bovino, a exemplo de danças e batuques em currais e residências dos chefes indígenas.

Durante a cerimônia de circuncisão dos rapazes, o que se dá inicialmente em um estabelecimento de reclusão, conhecida como “Etanda” (grande acampamento) ou “Ekwendye” (coisa importante de rapaz) ocorrem atividades bastante representativas desta relação, a exemplo das danças que acontecem logo após a saída do acampamento onde os jovens ficam reclusos para o corte de circuncisão.

Entre os Humbles, o cerimonial da recepção aos rapazes, na residência do *sekulu*, tem mais ou menos a seguinte ordem: executada a primeira dança por parte dos *onohala-mphe* e de suas ‘mães’, no curral dos bois, a primeira mulher da casa coloca uma bosta de boi acesa na abertura que habitualmente serve para a saída dos vitelos. Um após outro, saem então os circuncidados de dentro do cercado calcando levemente a bosta acesa.¹⁴

Estermann cita o caso dos Humbe para falar de uma determinada dança, definida por ele como especial do rito. Intitulada “onohala-mphe”, o que significa, na tradução de Estermann, “penachos novos”, por conta das vestes confeccionadas com penas de diferentes aves que os rapazes utilizam, essa dança ocorre durante a chamada “festa do regresso” e acontece primeiramente na residência do século, ou melhor, no curral dos bois do chefe indígena. Ressalte-se que havia toda uma preparação para execução dessa dança, desde os primeiros dias de acampamento, quando instrutores especializados passam a “ensinar os

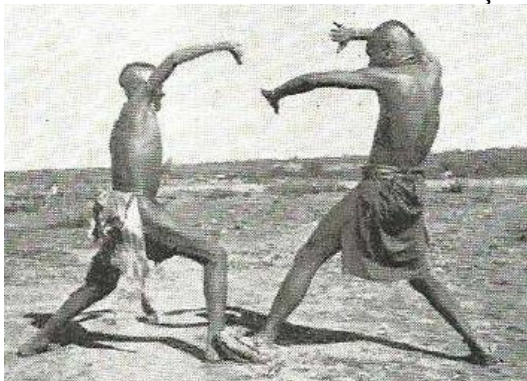
¹⁴ ESTERMANN, Carlos. *Etnografia do Sudoeste de Angola* (Vol. II – Grupo Étnico Nhaneca-Humbe). Porto: Ministério do Ultramar, 1957, p. 74.

rapazes os cantos de estilo e, curadas as feridas passam também a haver escola de danças, particularmente a dança especial [“onohala-mphe”] a executar depois da saída do mato, durante as exhibições que então se fazem nas aldeias”.¹⁵

Os executores dessa dança, no caso os rapazes circuncidados, apresentavam uma coreografia que reproduzia a semelhança de um tipo bovino. Citando as descrições realizadas pelo Padre Afonso Lang, antigo missionário espiritano, Estermann afirma que esta dança tinha uma articulação coreográfica que parecia evocar uma corrida de búfalos, enquanto os participantes ponham-se a imitar com os braços levantados e dobrados pelos cotovelos as formas correspondentes dos chifres bovinos, como pode ser observado na “Figura 3”:

FIGURA 3

HOMENS NHANECA ENCENANDO A “DANÇA DOS BOIS”



Fonte: ESTERMANN, Carlos. *Etnografia do Sudoeste de Angola* (Vol. II – Grupo Étnico Nhaneca-Humbe). Porto: Ministério do Ultramar, 1957 (Anexos).

Estermann também registra, no âmbito da festa do regresso, outra dança talvez relacionada à dança especial que a representação relaciona-se a uma zebra e não a animais bovinos¹⁶.

¹⁵ ESTERMANN, Carlos. *Etnografia do Sudoeste de Angola* (Vol. II – Grupo Étnico Nhaneca-Humbe). Porto: Ministério do Ultramar, 1957, p. 70.

¹⁶ Conhecida como N'golo, esta dança realizada pelos rapazes durante as cerimônias de puberdade, entre os Nhaneca-Humbe, tem interessado há algum tempo a pesquisadores que tem se dedicado à investigação sobre a origem da capoeira, prática cultural afro-brasileira. Acredito que essa descrição feita por Estermann é pouco conhecida destes pesquisadores e suas observações poderá suscitar importantes interpretações. Segue a referência específica sobre essa dança feita pelo padre espiritano em sua descrição etnográfica: “Desde o primeiro dia, os rapazes esfregam o corpo com cinza ou terra branca e são chamados *ovi-ngolo-ngolo*, que quer dizer: “os zebrados”. No nosso grupo étnico, eles não merecem porem uma tal designação, pois o empoamento é de cor uniforme e não listrado, como acontece entre os Ganguelas e Bundos do Sul”. ESTERMANN, Carlos. *Etnografia do Sudoeste de Angola* (Vol. II – Grupo Étnico Nhaneca-Humbe). Porto: Ministério do Ultramar, 1957, p. 71.

A festa da puberdade não era o único momento, entre estes grupos que aconteciam danças com coreografias representando as formas bovinas. Durante o cortejo do boi sagrado, entre os Nhaneca, pode-se observar da mesma forma essa alegoria, na dança especial denominada “o-nkhakhula”, dança que imita os bois em seus confrontos com os chifres, ou seja, a “dança dos bois”.

Por mais que Estermann use com frequência a expressão “boi sagrado” para referir ao gado sagrado, em regra geral, o animal sacralizado que protagoniza a cerimônia festiva em questão é uma vaca. Segundo Estermann, estas vacas são herdadas ou recebidas como presente de um pai, um til ou de um irmão, como pode ser identificado em alguns tipos descritos no “Quadro 1”:

QUADRO 1 BOIS SAGRADOS DO POVO NHANECA

Nome	Significado do nome
<i>Onaluhonje</i>	Significa “aquele da vara” que corresponde aos circuncisos. Pode ser um macho que o filho recebe do seu pai para ser comido por ele e camaradas da circuncisão (<i>oma-kula</i>). Trata-se de uma vitela e quando tiver a primeira cria, o leite só poderá ser utilizado pelo proprietário ou pelos companheiros de circuncisão.
<i>Ondylla-onbe</i>	Trata-se de uma vaca que os herdeiros dão ao filho do falecido dono do gado. O leite pertence exclusivamente ao órfão e aos seus filhos, se os tiver. Põe em relação a ela uma outra vaca, que, sendo ainda vitela, recebeu uma espécie de consagração no cemitério.
<i>Onumatwa</i>	Significa “a mordida”, por causa da orelha fendida. Trata-se de uma vaca e pouco difere da precedente. Para a consagrar, porém, não é necessário ir fazer a cerimônia ao cemitério e sua descendência pode ser vendida.
<i>Onamphinga</i>	Significa “do herdeiro”. É um boi abatido por ocasião a morte do dono. Os herdeiros só podem comer a carne do peito, que é imediatamente separada do resto, logo depois da rés abatida.
<i>Ondilisa</i>	Significa “fazer chorar”, por alusão aos prantos fúnebres. É o boi morto por ocasião do passamento do proprietário, não podendo lhe comer a carne, a qual é jogada aos cães.
<i>Onamulilo</i>	Com nome de origem cuvale, significa: “o do fogo”. É traduzido pelos Nhaneca por: <i>ongombe yotupia</i> . Trata-se de um boi macho muito respeitado e ao qual não se pode dar maus tratos e quando morto só lhe pode comer a carne mulheres e raparigas.

ESTERMANN, Carlos. *Etnografia do Sudoeste de Angola* (Vol. II – Grupo Étnico Nhaneca-Humbe). Porto: Ministério do Ultramar, 1957.

Estes grupos acreditavam que os espíritos de bem feitos falecidos residem nas vacas sagradas. Desta forma, estes animais mediam a comunicação dos mortos com os vivos, atribuindo assim a estes animais todo o bem que se sucede à família. Por esta razão, afirma Estermann, esse povo presta culto e zelam dessas vacas com cuidado especial: “Tudo o que esteja com elas relacionado – o leite, os excrementos, o vaso da ordenha, o lugar onde o leite é distribuído – tudo reveste um caráter sagrado”.¹⁷

Estaria entre os Nhaneca, a maior variedade de gado sagrado, segundo a descrição de Carlos Estermann. O padre elenca um número de seis categorias bovinas, sendo três vacas e três bois e descreve os nomes e função sagrada de cada um destes animais, podendo variar ainda mais entre as outras “tribos”, a exemplo dos Quipungo, Handa e Quilengue-Musó, todos pertencentes ao grupo etnolinguístico Nhaneca-Humbe.

Feito estas identificações, pode-se explorar agora uma manifestação da vida pastoril desse povo que Estermann considera o mais importante entre os criadores de gado: o cortejo do “boi sagrado” ou a “ondyelwa”, traduzida por ele como “luta ao ar livre” ou “cortejo guerreiro”.¹⁸ Essa manifestação consiste num cortejo solene que leva o boi sagrado do regulo, através de todo o sobado, atentando para todas as honrarias que são merecedoras o animal sagrado, no qual, sugere a descrição de Estermann, as almas dos antigos reis parece ter estabelecido a sua moradia.¹⁹

Ao descrever a manifestação, Esterman diz ser o gado sagrado de cor branca e preta e, por mais que ele informe ser geralmente uma vaca, sempre se refere ao boi, o que me sugere se tratar de um termo genérico que contemple tanto o gado macho quanto fêmea. Entretanto, ele afirma em diferentes momentos que a vaca é quem protagoniza a “ondyelwa”, ou seja, o cortejo sagrado. Segundo Esterman, este cortejo foi extinto em muitos lugares do Sul de Angola aonde antes ocorria, se mantendo, no entanto, entre os Nhaneca, especialmente na Huíla, tendo dúvida se em outrora outro grupo étnico afim celebrava a mesma cerimônia. Sobre o cortejo foi ainda produzido, pelo antropólogo e cineasta angolano Ruy Duarte de Carvalho, um interessante documentário tratando sobre toda a procissão que teve lugar na província da Huila, entre os dias 26 e

¹⁷ ESTERMANN, Carlos. *Etnografia do Sudoeste de Angola* (Vol. II – Grupo Étnico Nhaneca-Humbe). Porto: Ministério do Ultramar, 1957, p. 186-187.

¹⁸ ESTERMANN, Carlos. *Etnografia do Sudoeste de Angola* (Vol. II – Grupo Étnico Nhaneca-Humbe). Porto: Ministério do Ultramar, 1957, p. 190.

¹⁹ ESTERMANN, Carlos. *Etnografia do Sudoeste de Angola* (Vol. II – Grupo Étnico Nhaneca-Humbe). Porto: Ministério do Ultramar, 1957, p. 191.



28 de julho de 1978. Intitulado “Ondyelwa, festa do boi sagrado”, a película foi produzida e distribuída pela Televisão Popular de Angola (TPA Produções) em 1979.

As imagens e narração presentes neste filme, não contrariam as observações etnográficas realizadas por Estermann, algumas décadas antes, entre as quais, o preambulo do cortejo. Segundo o padre, o cortejo do boi sagrado era precedido por recomendações do regulo (chefe da comunidade), o qual discursava:

Percorrei a terra, fiz a festa. Se o cortejo encontrar um cabrito no caminho, matai-o; se for um boi, comi-o; se for uma criança, prenda-a e que a família pague um boi para resgatar! Toda pessoa adulta deve venerar o boi à sua passagem. Se houver alguém que assim não proceda, tirai-lhe tudo quanto tem. Se resistir, matai-o. Que não se chore o morto! É um tempo de regozijo! Que tudo seja permitido! No entanto, não se deve maltratar a mulher alheia. Não deve haver questões nem querelas. Não pode haver lamentações, mesmo se alguém morre. O povo quer a festa, o povo ficaria descontente. Ide pois!²⁰

Nas recomendações ficam evidentes os diferentes aspectos da cerimônia, ou seja, os elementos festivos e sagrados. É orientada, pelo discurso, do chefe indígena, como o participante do cortejo deve se comportar para não trair nem corromper a tradição que deverá ser acompanhada por comida, bebida, músicas e danças para enaltecer o boi, mesmo que para isto lhes custe à vida.

O cortejo do boi sagrado, segundo a etnografia missionária do padre Carlos Estermann, era uma das raras cerimônias de natureza local que se mantinha entre os Nhaneca, até o período que Estermann desenvolveu suas observações, as quais foram editadas entre 1956 e 1961. Estermann lamentava, que neste período, o cortejo já não se celebrava mais na Huíla, onde a presença de muitos colonos brancos modificou por demais o ambiente tradicional, ou seja, admitia o missionária que a presença europeia intimidara muitas das práticas de costumes e tradições culturais dos “indígenas” nesta região, mas que de alguma forma, o cortejo do boi sagrado acontecia mais à sul do Planalto da Huíla.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas cerimônias relacionadas a sacralização do gado bovino faziam parte do conjunto de costumes representativos das formas de vida tradicionais das populações indígenas da sociedade angolana o que provocava nos segmentos intelectuais e assimilados que representavam a ideologia colonial um sentimento de hierarquização cultural que considerava

²⁰ Idem, p. 191

o “indígena” um indivíduo inferior, inclusive atestado juridicamente como tal pelo Estatuto do Indigenato, o qual legitimava a “consustanciação do mito da inferioridade da raça negra como elemento significativo na e da ideologia colonial”.²¹ Ou seja, a dimensão simbólica da cultura dos povos pastores não era admitida como elemento de civilização para a sociedade assimilada e de muitos missionários que com estes povos faziam contatos, o que provocava determinado desconforto e, portanto discriminação contra os povos pastores do Sul e quiçá da Província da Huila.

Considerando que o gado bovino foi um elemento presente na vida econômica, social e cultural das populações do Sul de Angola chegando estas populações a sacralizar a existência do boi em suas vidas, este artigo procurou evidenciar sumariamente estas práticas na etnografia missionária do padre Carlos Estermann e de que forma estas manifestações eram interpretadas pelo missionário que protagonizava um projeto de evangelização que acreditava empreender a civilização entre estes povos indígenas e suas práticas tradicionais. Desta forma, pode-se evidenciar aqui que o trabalho deste padre espiritano extrapolou sua missão evangelizadora, na medida que contribuiu para a constituição de uma cartografia das celebrações festivas dos povos pastores no sul de Angola.

Enviado: 31/10/ 2018

Aceito: 17/12/2018

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DULLEY, Iracema. *Deus é feiticeiro: prática e disputa nas missões católicas em Angola colonial*. São Paulo: Annablume, 2010.

ESTERMANN, Carlos. *Etnografia do Sudoeste de Angola – Vol. 3: Os povos Ambos e os grupos não bantos*. Lisboa: Ministério do Ultramar, 1961.

ESTERMANN, Carlos. “Notas etnográficas sobre os povos indígenas do distrito da Huíla”. In: BOLETIM GERAL DAS COLÓNIAS, Lisboa, Ano 11, nº 116, 1935.

ESTERMANN, Carlos. Contribuição dos missionários do Espírito Santo para a exploração científica do sul de Angola. In: BOLETIM GERAL DAS COLÔNIAS, Porto, Ano XVII, nº 196, p. 3-15, outubro de 1941, p. 13.

ESTERMANN, Carlos. *Etnografia do Sudoeste de Angola (Vol. II – Grupo Étnico Nhaneca-Humbe)*. Porto: Ministério do Ultramar, 1957, p. 74.

²¹ VERA CRUZ, Elizabeth. *O Estatuto do Indigenato – Angola: a legalização da discriminação na colonização portuguesa*. Luanda: Edições Chá de Caxinde, 2005, p. 29.

LANG, Aphonso, TASTEVIN, Constantine. *Ethographie - la Tribu des Va-Nyaneka* (tomo V da coleção dos trabalhos da Missão Rohan-Chabot a Angola e à Rodésia em 1912-1914). Paris: Corbeil, 1938.

MATOS, Victor M. d'Albuquerque. Ocupação pecuária de Angola. In: *Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias*. Porto, n. 100, 2005, p. 115-123.

MELO, Rosa. “Nyaneka-Nkhumbi”: uma carapuça que não serve aos Handa, nem aos Nyaneka, nem aos Nkhumbi. In: *Cadernos de Estudos Africanos* [on line], 7/08/2005.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. “Ciência e missionação no sul de Angola: o Boletim da Agência Geral das Colônias e as etnografias dos padres da Congregação do Espírito Santo”. In: *Cadernos de África Contemporânea*, UNILAB, Vol. 1, n. 1, 2018, p. 43-55.

SERRANO, Carlos. “Angola: o discurso do colonialismo e a Antropologia aplicada”. In: *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, USP, São Paulo, Vol. 14-15, nº 1, p. 15-36, 1991-1992.

VERA CRUZ, Elizabeth. *O Estatuto do Indigenato – Angola: a legalização da discriminação na colonização portuguesa*. Luanda: Edições Chá de Caxinde, 2005.